



Fluir

memória e nostalgia



Índice

- Editorial** | **José Pacheco**
Em busca do tempo perdido
- Crónica** | **Dulce Maria Cardoso**
então, afinal a memória é isto
- Ensaio** | **Rui Bebiano**
Em movimento, entre passado e futuro
- Memória** | **Joana Pontes**
Memória e Nostalgia
- Poesia** | **Marta Cunha Caldeira**
Dados de Preenchimento Obrigatório
- Pintura** | **Maria João Cortegaça**
- Ensaio** | **Isabel Nery**
O que é uma Biografia?
- Crónica** | **Rui Cardoso Martins**
A Viagem Continua
- Conto** | **Sandro William Junqueira**
A Cadeira de Lona
- Memória** | **Teolinda Gersão**
Em memória de Vergílio Ferreira
- Conto** | **Diana Brígida Correia**
O mês de agorto,
- Excerto** | **Nuno Vaz**
Olhos de criança em cabeça de mulher velha
- Entrevista** | **Mário Claudio**

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

José Pacheco

A maior parte da nossa memória está fora de nós, numa vibração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda [...] Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhos [...] Graças tão-somente a esse esquecimento é que podemos, de tempos a tempos, reencontrar o ser que fomos.

Marcel Proust

1. Quando meu filho era criança e a avó o levava a um jardim próximo de sua casa, assim que chegavam, o Duarte dirigia-se rapidamente ao escorrega e descia por ele; depois, dava um pulo aos baloiços e sentava-se num, a voar; a seguir, voltava ao escorrega; e de novo aos baloiços – detendo-se um instante, entre essas correrias escorrega-baloiço-escorrega, junto ao banco de onde a avó o seguia, com os olhos extasiados, para lhe pedir uma confirmação. «Estou muito divertido, não estou, avó? Isto é que é divertir-me, não é? Estou feliz, pois estou?».

Este episódio teve sempre o condão de me fazer rir e, paradoxalmente, me inquietar. Como se, tão pequeno, o meu filho já adivinhasse uma imperfeição no íntimo de todos os momentos perfeitos. Não acontece – e é pena, quem sabe? – ou acontece raramente que o momento em que a felicidade se vive, coincida com a consciência da felicidade sendo vivida. Não é comum pensarmos: «Caramba! isto é a felicidade. Estou a ser feliz.

Olha que bom.» Deixamo-nos ir. Apenas. Estamos demasiado ocupados a fruir, para nos dedicarmos simultaneamente a reflectir sobre o prazer e sobre o sentido desse presente. Escrevi que era talvez uma pena, mas, pensando bem, é possível que o não seja. Dividirmo-nos em dois para, no mesmo instante, sermos a pessoa feliz e o espectador da pessoa feliz, poderia introduzir uma hesitação na felicidade, um certo retraimento, alguma diminuição do estado de bem fluir.

Em todo o caso, e está em Proust inteiro, o tempo, que nos desgasta e envelhece, é também o grande revelador. Olhamos o passado, revemos os momentos e, agora que os perdemos, somos capazes de os compreender luminosamente. Em 1968, na casa da Tia Amelinha e do Tio António, onde a família se reunia pelo Natal ou pelas festas de aniversário, e eu e os meus primos brincávamos até desmaiar de cansaço, fui feliz. Ao longo do correr dos decénios, em todos os reencontros com outro primo, meu querido António Maria, com quem aprontei aventuras que traziam os nossos pais em polvorosa, fui feliz. De todas as vezes, nos anos 70, 80, 90, ou ainda ontem, em que vivi amizades avassaladoras e paixões eternas, fui muito, muito, muito feliz. Ou quando descobri Proust, justamente. Ou quando me nasceu um filho e quando me nasceu uma filha. Histórias, situações, momentos, que recupero, voluntária ou involuntariamente, em

milhares de subtis sensações, as cores, os cheiros, os paladares da mais ínfima das vivências.

2. Pertencço, contudo, a uma geração que se obrigou a medir a saudade e a nostalgia com certa desconfiança.

Como aprendemos a desejar o futuro e a querer moldá-lo segundo os nossos sonhos, tudo quanto nos cheirasse a um compromisso afectivo com o passado, nos chegava repassado de culpa ou, pelo menos, de desconforto.

Daí que a proposta do tema deste número, «Memória, Nostalgia», sobretudo vinda de quem veio, me tivesse imediatamente soado como a possibilidade de encarar sem medo o fascínio pelo encanto do passado que nos acena ao longe, e pelo encantamento com tudo quanto, nesse passado, cintila sempre tanto.

Conto também, em poucas palavras, a história do nascimento do tema.

Convidei Rui Bebiano a escrever alguma coisa para a Fluir anterior, a número 3.

Bebiano escusou-se. Os prazos que eu indicava não eram compatíveis com os seus compromissos; lamentou, mas aquele não era o seu tempo para a Fluir.

Fiz-lhe, então, uma contraproposta: poderia preparar colaboração para o número seguinte, este, o qual seria, assim, concebido em função do tema

sobre que entendesse trabalhar? Agradou-lhe a ideia.

Escaparam-se meses.

Completámos a 3. Lançámo-la, num encontro de poucas pessoas, mas muita proximidade, afecto e prazer.

Passaram ainda semanas. Terá certamente julgado que me esquecera. Ou ter-se-á esquecido ele próprio. Não esqueci. Reatei a comunicação. Mail para a frente, mail para trás, e o Rui confidenciou-me que os seus interesses naquele momento se prendiam com a beleza da memória e da nostalgia. Acertámos nesse instante o tema.

3. Alargando os convites, e já de tema no bolso, percebi cedo que a ideia conquistava com facilidade. Memória e nostalgia vinham ao encontro do que cada um dos Autores com quem falei sentia, ou pensava, ou a que se dedicava. Um misto de dor, em alguns casos, de alegria em outros casos, confluía em adesões que não precisavam ser negociadas.

Completou-se, assim, um número particularmente belo da revista (embora a mão da Ana Cristina Marques se tenha empenhado em fazer da qualidade estética e digital da Fluir uma imagem de marca, número após número), pelo qual, como todas as vezes, só posso agradecer a todos quantos, por essas «páginas» adiante, teremos o prazer de ler. E que *tutti quanti* esses: Dulce Maria Cardoso,

Isabel Nery, Joana Pontes, Mário Cláudio, Marta Cunha Caldeira, Rui Bebiano, Rui Cardoso Martins, Sandro William Junqueira, Teolinda Gersão, Nuno Vaz, Diana Brígida Correia e Maria João Cortegaça. Uma palavra sobre a capa.

A Maria João Cortegaça é uma artista que, por decisão própria, se expõe raramente. O acesso à sua obra é vedado por uma intimidante timidez de intimidade, um secretismo que só grande esforço nosso, por vezes, consegue ultrapassar. Chama-se pudor. É bonito e terrível. Refrescante, num mundo de excesso de exposição, e frustrante para nós, que não penetramos quase nunca no segredo. Não posso, portanto – eu que me extasio com tudo o que a João, a contragosto, consente à sede do meu olhar – explicar o contentamento com que a vi aceitar o convite para criar a capa deste número. Foi, porventura, o tema, mais do que eu, que lhe tocou no interesse. Mais não digo. A capa e a ilustração central, também da sua autoria, falam melhor do que tudo quanto canhestramente acrescentasse. Falam por si.

Desejo que, procurando nós fazer sempre melhor, ainda assim a Fluir 4 se instale num canto especial da nossa memória e, de quando em quando, faça valer a pena uma nostálgica revisita.

Cada um dos colaboradores da FLUIR
decide qual o Acordo Ortográfico
que a sua escrita respeita.

Então, a memória afinal é isto.

Dulce Maria Cardoso

Ainda o Império, ainda a Descolonização, ainda a Ponte Aérea, ainda os Retornados e ainda eu a falar de isto-tudo, quando isto-tudo se tornou tão diferente para mim por ter escrito um romance, O retorno, e nele ter inventado outras memórias que agora existem tão ou mais em mim do que aquilo que vivi. A história do Rui, personagem principal do romance, está agora ao alcance de qualquer um, mas a minha continua secreta, pelo menos em parte, porque todas as vidas são secretas, muitas vezes, mesmo para quem as vive. A estranha existência das memórias do Rui nos mesmos acontecimentos históricos e de forma tão mais partilhável do que as minhas tem vindo a sobrepor-se-me. Podia pensar que o Rui também sou eu ou que o Rui sou eu. É verdade uma coisa e outra e não é verdade nem uma coisa nem outra. Mas é indubitável que a minha memória também se constrói dos outros e com os outros, os outros dão-nos mais existência, dão mais existência ao que nos acontece. O que existe só em nós está quase sempre condenado ao esquecimento. Ou à ilusão.

Não esquecerás. Na noite em que saí de Luanda, uma noite do início do mês de Julho de 1975, penso que terá sido a sétima ou oitava, obriguei-me a uma luta que havia de moldar-me a existência. Ou então já era um destino e apenas o cumpri. Na minha vida, muitas vezes não sei o que é vontade ou é obediência. Obriguei-me a não

esquecer nada do que vivi em Luanda, coisas fáceis de não esquecer como as casas onde morei, as ruas dos bairros, a terra vermelha, o embondeiro do pátio da escola, o cheiro das mangas apodrecidas no chão do quintal, mas também o que parece impossível de ser lembrado, o zumbido da ventoinha durante a sesta, o sorriso da São quando namorava à janela, a alegria do Sr. Luís a regar a pitangueira ao fim da tarde. Não esquecerás nada do que viste e ouviste nos teus dez primeiros de vida, em Luanda. Decidi ou já estava assim determinado.

Não terei esquecido muito, ou esqueci e compensei com a imaginação, mas sempre acreditei aqueles anos da minha vida intactos dentro da enganadora galáxia que o passado é em cada um de nós. O passado existe sempre mais longe e mais inacessível do que qualquer lugar. E a infância é um continente perdido, mesmo quando não se perde um país, como foi o meu caso.

Portanto, em Luanda, as ruas não eram todas a perder de vista e o mistério da noite a cair tão abruptamente não era magia, era apenas a proximidade com a linha do Equador a comandar a rapidez com que um dia se fazia noite ou uma noite se fazia dia. O amarelo e o vermelho não eram mais garridos e a chuva não era sempre diluviana. Os frutos não eram todos saborosos nem o mar sempre calmo. Portanto, em Luanda, a vida

não era sempre boa e isso não se devia ao que se julgava o natural desentendimento entre brancos e negros, ao Salazar cujo retrato estava pendurado em todas as salas de aula, aos soldados portugueses que por lá andavam como quem anda num purgatório. A vida em Luanda não era sempre boa porque a vida tem sempre cansaços, doenças, desamores, inimizades, frustrações, desenganos, chatices atrás de chatices. A vida em Luanda não era sempre boa mas, de repente, começou a guerra. Ou terá havido sempre guerra, mas acreditava-se que o Império estava destinado a ganhar e não se falava disso. Depois, quando se perdeu guerra e Império, parece que já não havia muito a dizer. Sou capaz de jurar que nunca terei ouvido guerra em Luanda. Quando os adultos queriam falar na guerra referiam-se a isto porque tudo o que se nomeia tem consequências. Os adultos diziam, a vida era tão diferente antes de isto acontecer, ou, era inevitável que isto acontecesse. Isto podia ser a revolta dos turras em 61, a revolução na Metrópole, a chegada a Luanda dos movimentos independentistas, MPLA, FNLA e UNITA, os tiros, as vidas alteradas como se um gigante tivesse posto tudo fora do sítio, até a esperança. A esperança estava tão fora do sítio que muitos acreditavam que tudo acabaria bem. Terá sido por esta altura que comecei a reparar na omissão de palavras nas conversas dos adultos, *guerra, mortos, independência, descolonização,*

e na novidade de outras, comunismo, recolher obrigatório, racionamento, contentores e ir-embora. Todos iríamos-embora ainda que o ir-embora nas conversas não parecesse dramático mas tão-somente o fim de uma brincadeira. A linguagem, tal como a memória, embeleza e desfeia a realidade, cria outras realidades, mas raramente descreve o que realmente se passou. Não esquecerás que houve uma guerra. É fácil não esquecer, convive-se pacificamente com uma abstracção, o mal abstracto pouco incomoda. Não esquecerás os que foram mortos nessa guerra. Os mortos assim ditos ainda são parte da abstracção indolor da guerra. Quem, tendo possibilidade, não descalça o sapato para tirar a pedra? Quem quer continuar a caminhar até fazer ferida? Não esquecerás os teus conhecidos e amigos mortos na guerra, já é mais difícil de cumprir. Não esquecerás o Zé Manuel e o Hélder que foram mortos em Luanda em 1975, ao que se julga por soldados da FNLA. Os assassinos podiam pertencer a outro movimento de libertação, podiam ser soldados portugueses, podiam ser civis, as guerras tornam tudo num jogo de sorte e de azar, num acaso. O Zé Manuel e o Hélder foram mortos porque, ao terem desrespeitado o recolher obrigatório, caíram na cobiça dos que lhes quiseram roubar o carro, um carro velho. Quem mata dois jovens na flor da idade para roubar um carro, ainda por cima um carro velho? perguntavam-se os vizinhos.

Monstros, só monstros poderiam ser capazes de tal crueldade. E se o carro não fosse velho? Não queria pensar mas não conseguia não pensar que se o carro fosse novo e bonito como o Audi do meu tio Augusto talvez a morte do Zé Manuel e do Hélder fosse mais compreensível. Mas os que os tinham assassinado nunca poderiam deixar de ser monstros.

Era tão doloroso não esquecer o Zé Manuel e o Hélder, que os esqueci assim que pude. Não me lembro das caras deles, de como se riam comigo, de como dançavam, da forma que falavam, dos seus sonhos ou medos. Talvez o primeiro passo nesse caminho para o esquecimento tenha sido transformar a morte deles na medida que graduava o horror da guerra em Luanda. Bastava dizer que dois amigos meus tinham sido assassinados para todos perceberem que eu vivera numa guerra a sério. E tenho quase a certeza que, para mim, o Zé Manuel e o Hélder se tornariam apenas nessa medida do horror da guerra se não fossem irmãos do Rui, o primeiro rapaz com quem dancei slows, os meus dez anos e os treze dele a tropeçarem uns nos outros, nas festas, ao lado dos pares mais velhos, como se estivéssemos a inventar a felicidade.

Nos primeiros anos da Metrópole ia perguntando aos ex-vizinhos que encontrava na filas da Caritas e da Cruz Vermelha ou noutros ajuntamentos de retornados se sabiam do Rui cujos dois irmãos

constaram da lista dos desaparecidos. O Rui-que-dançava-comigo só era conhecido por um pequeno grupo de pessoas, mas todos sabiam quem era o Rui-a-quem- assassinaram-dois-irmãos. De facto, muitos tinham ouvido falar no caso e poucos eram os que não tinham informações sobre eles. Os irmãos tinham acabado por aparecer e toda a família tinha ido para a África do Sul. O Rui estava em Luanda à espera dos irmãos. A mãe do Rui tinha-se suicidado na véspera de embarcar. O Rui estava no Barreiro. No Minho. No Algarve. As informações eram tantas e tão contraditórias e eu tão pequena e incapaz, que nunca encontrei o Rui.

Não esquecerás que o tempo tudo desvanece. Deixei de procurar o Rui e passaram 36 anos sem que eu tivesse sabido o que realmente lhe aconteceu. Decidi, no entanto, que a personagem principal do romance em que falasse da descolonização, da ponte aérea, da vinda e dos retornados, seria um rapaz e chamar-se-ia Rui. Não por ter dançado os primeiros slows com o Rui, mas por ter usado muitas vezes o sofrimento do Rui para aliviar o meu. Era horrível viver sem dinheiro e sem nada na Metrópole, mas a minha irmã não tinha morrido, ninguém da minha família tinha morrido. O sofrimento dos outros alivia o nosso. Fazemos tudo por comparação. Até sofrer. Bastante mais tarde, já a meio da escrita do romance, percebi que a escolha do nome tinha sido acertada

por outras razões. Rui também é o imperativo do verbo ruir. Não esquecerás que viste um Império de cinco séculos ruir. Desfizemo-nos do Império como quem se desfaz de uma camisa velha, disse-me há poucos anos o Professor Eduardo Lourenço. Tem a obrigação de falar sobre isso, acrescentou. Falar sobre isso. O romance que escrevi não foi para falar sobre isso, sobre um povo órfão do Império, sobre o que aconteceu a esse povo. Falo sobre isso porque isso me aconteceu. De que mais podemos falar, senão do que nos acontece, sejam coisas em que todo o nosso corpo participa e que os outros podem testemunhar, sejam coisas em que só a nossa cabeça participa e de que somos nós as únicas testemunhas? Falo sobre isso porque me aconteceu. Como aconteceu também ter dançado com o Rui, como aconteceu também o Rui ter dois irmãos assassinados. E, no romance, nem uma linha sobre isso. Porque o Rui que inventei foi uma maneira de refazer o passado. O passado não é intocável. Não podemos regressar-lhe mas podemos alterar a memória que temos dele. E foi assim que tornei o meu passado outro. Já não consigo lembrar-me de mim em Luanda, em 1975, sem me lembrar do Rui que criei, e do Mário, o pai do Rui, que foi preso, da Glória, a mãe tão instável, da Milucha, a irmã vingativa, porque todos os adolescentes tristes são vingativos, e da Pirata que não parou de correr atrás do carro que a abandonava levando o Rui,

a mãe e a irmã para a Metrópole.

O meu pai nunca foi preso, a minha mãe não queria conhecer o coração da terra, os desentendimentos com a minha irmã não aconteciam por eu não saber como as raparigas pensam, não tive uma cadela que ficou lá para trás até não ser mais do que um pontinho branco, mas tenho falado tanto desta gente com tantas pessoas que eles parecem-me já mais reais do que eu e do que os meus.

Penso mais no prometido encontro do Rui com os amigos, o Gegé e o Lee, na Sears Tower, do que no meu encontro com amigos cujos nomes vou esquecendo um a um. Sei mais sobre o hotel onde o Rui esteve do que sobre o hotel onde eu estive. No meu hotel terão existido histórias de amor como a da Silvana e do Rui, plenários como os que o Pacaça liderava, traições como a que foi feita ao porteiro Queine, só que no meu hotel tudo aconteceu para ser esquecido.

Há uns anos disse que o escritor tem o dever de tentar criar ficções o mais reais possíveis, tão assustadoramente reais que o mais louco dos homens possa dizer, tudo o que não vivi, li. Também eu, tudo o que não vivi, li. Ou, então, escrevi. Depois de tudo passado, as vidas que se vivem vivendo não são muito diferentes das que se vivem lendo. Ou das que se vivem escrevendo.

Não escreverás o que te aconteceu em Luanda e no regresso de Luanda, mas inventarás o que faça com que os outros saibam o que te aconteceu em Luanda e no regresso de Luanda. Não terás medo de te afastar da verdade porque a maneira mais rigorosa de contar a verdade é inventar a melhor mentira.

Por falar em mentiras. A minha memória constrói-se de mentiras. O mito de um Império, que ia do Minho a Timor, e da Metrópole, essa casa-mãe longínqua onde havia cerejas. Portugal não era um país pequeno, os hinos que eu cantava aos sábados de manhã na escola não louvavam a Metrópole pobre onde eu tinha nascido. Nada existiu como me fizeram acreditar que existia. O Império existiu sem esplendor, a Metrópole sem grandeza e as colónias sem futuro. Mas é verdade que se deu o acaso de a minha história se ter cruzado com outra História. É verdade que o fim do Império coincidiu com o fim da minha infância. E que a partir desse momento nunca mais acabaram as perguntas. Que eu me fiz ou que os outros me fizeram, tanto faz, desde que a dúvida se instale.

Retornada ou refugiada?, portuguesa ou angolana?, europeia ou africana?, vingativa ou reconciliadora?, testemunha ou cúmplice?, colonialista ou independentista?, vítima ou agressora?, quanto mais honestamente tento responder a estas perguntas menos sei como o fazer. Também porque quase nada na vida é binário.

Dulce ou Bebé? Como se pode contar o fim da infância, se esse fim não tem a grandeza dramática de um acontecimento como o fim do Império?

O meu pai, ao contrário do Mário, o pai do Rui, não foi preso mas só veio para Portugal em Novembro de 1975, poucos dias antes da Independência de Angola. Em Luanda, o meu pai nunca me chamava Dulce. A não ser que estivesse zangado comigo. Sou a mais nova da família e para o meu pai eu era a Bebé. Era por esse nome que eu lhe respondia. Respondia por outros nomes a outras pessoas, Dulcinha, Merinho, Cambuta, Brasa, Cuca, Bandeiras, mas nenhum era tão estruturante para mim como Bebé, a única maneira que eu existia para o meu pai.

Nunca esperei tão ansiosamente por nada como esperei pelo regresso do meu pai para junto de mim, na Metrópole. Tinha saudades dele mas acima de tudo sentia-me desprotegida. O mundo tornara-se cruel e eu associava essa crueldade à ausência do meu pai. Vista da pobre aldeia transmontana, Fonte Longa, onde eu passei a morar com os avós maternos que acabara de conhecer e que sem fazerem caso da lógica a que qualquer história de reencontro se obriga, estavam ambos moribundos, a vida em Luanda era um paraíso cada vez mais feliz. Em Trás-os-Montes, eu estaria protegida dos tumultos de 1975, foi essa a justificação que a minha mãe deu para me deixar lá e partir para

Lisboa com a minha irmã. Sei agora que o motivo era falta de dinheiro, mas para a criança de onze anos que eu era o motivo não podia ser o dinheiro, os pais tinham de ter sempre dinheiro para o que filhos precisam porque os filhos precisam de pouco, não são como os adultos que precisam de tanta coisa. Até que numa manhã fria de Novembro, sem eu saber como, o meu pai apareceu no adro da Fonte Longa. Tal e qual como eu tantas vezes imaginara. Estava moreno como sempre o conhecera, não era ainda como as caras pálidas da Metrópole, e conduzia o Mazda que ficou estacionado junto à fonte. Não fosse o frio e um pouco de nevoeiro e juraria que o meu pai tinha acabado de chegar do trabalho, em Luanda. Ainda o mesmo corpo. Ainda o mesmo andar para mim. O carro estava amachucado mas era o carro que nos levava a passear à barra do Cuanza e a comer baleizões. O meu pai talvez tivesse os olhos mais baços mas podia ser do nevoeiro. As costas talvez estivessem um pouco curvadas mas podia ser do frio. De resto, era igualzinho ao pai de que me lembrava.

Até que me chamou Dulce.

Poucas coisas tiveram mais consequências na minha vida do que o simples facto de o meu pai ter-me mudado o nome sem que eu tivesse compreendido porquê. Chamando-me Dulce,

em vez de Bebé, eu passei a ser outra e o meu pai passou a ser outro. Porque nada se nomeia ou desnomeia sem consequências, sejam cidades, Lourenço Marques ou Maputo, pontes, Salazar ou 25 de Abril, ou pessoas. Um nome é a primeira coisa que nos dão quando tudo começa e a primeira coisa que nos tiram quando tudo acaba. Um nome, neste caso Bebé, estabelecia uma aliança entre mim e o meu pai, uma aliança entre o que eu era e aquilo que o meu pai queria que eu fosse. Quando mudou o nome por que me chamava, o meu pai deixou de querer que fosse a Bebé a responder-lhe. E eu não sabia quem havia de responder-lhe. Não sabia como responder-lhe. Eu era ainda a Bebé.

Não sei se toda a gente consegue identificar o momento exacto em que a infância acaba. Eu consigo. Eu sei que a minha infância acabou naquele momento, no adro da Fonte Longa, quando passei a responder ao meu pai por Dulce.

Anos mais tarde, muitos, perguntei ao meu pai a razão de me ter mudado o nome no dia da sua chegada. Disse que não se lembrava de o ter feito, mas acabou por confessar que me tinha visto tão crescida que Bebé já não lhe parecia adequado, sentia-se até ridículo a pronunciar-lo. Pronunciá-lo ali, naquele lugar, naquele tempo. E não havia maneira de voltar ao lugar e ao tempo da Bebé.

Ainda falei da tia do Roberto, uma velha a que todos chamavam Bebê, mas o meu pai mudou de assunto, aquilo não era importante, um nome não podia ser uma coisa importante.

Nunca lhe contei o que a mudança do nome tinha significado para mim, como me senti defraudada na espera de um pai que se revelou outro, e como tive a certeza de que a minha vida nunca mais seria a mesma, como tive a certeza de que a partir dali seria moldada pelo desconhecido e pelo incerto, pelo que trará outros nomes. Ou não. A partir dali soube que não podia contar com o passado. Mas também não sabia como contar com o futuro. A partir dali, eu estava sozinha. No frágil presente.



Em movimento, entre passado e futuro

Rui Bebiano

Este é um tempo sobrecarregado com sinais do que foi ficando para trás, onde ao mesmo tempo sentimos uma crescente dificuldade em conviver com a memória. O paradoxo é apenas aparente, não sendo difícil atribuir-lhe um sentido. De um lado, um melhor acesso ao conhecimento histórico e um crescimento dos usos do passado, incorporados em meios que vão da propaganda política à publicidade comercial e são constantemente ampliados; do outro, o volume e a velocidade da informação circulante, apoiados na revolução do digital, fazem com que tudo se transforme muito depressa em algo de distante, tornando-se fácil perder-lhe o rastro no arquivo labiríntico e de dimensões infinitas para onde vão as suas marcas.

A memória, seja social ou física, seja individual ou de grupo, é desde logo, uma experiência de perda. Representa uma presença do passado que sempre revivemos por mediação de vestígios e de recordações, mas é também, como propõe Henry Rousso, «uma consciência da ausência, do tempo que passa, do tempo que se altera». Não recupera, de modo algum replica, aquilo que aconteceu em outra época, apenas estabelece uma conexão, como a máquina do tempo ficcionada por H. G. Wells, que vivia tanto de reminiscências quanto dos processos edificadores suscitados pela imaginação. Em alguns casos, aliás, ela pode irromper a partir desse lugar do quase-nada, dessa

rasura do ocorrido, que é o esquecimento. Foi neste sentido positivo que Marc Augé anotou ser «preciso esquecer para continuar presente, esquecer para não morrer, esquecer para permanecer fiel». Coloca-se então a pergunta: mas, afinal, ser-se fiel a quê? O esquecimento, seja ele acidental ou consciente, impõe uma disciplina capaz de separar aquilo que desaparece, ou se esconde, ou que então é silenciado, do que pode ser retido pela lembrança, sobrevivendo a esse abandono. Em regra, é a cultura dominante, imposta pelos vencedores ou pelos mais fortes nos territórios do combate político e social, a determinar o que fica, aquilo que permanece por mais ou por menos tempo, separando-se do que rapidamente se esquece e evapora. Nesta medida, a fidelidade mencionada por Augé assenta numa busca daquela parte da verdade passada, tão forte e presente como qualquer outra, que foi traída pelo esquecimento. A consciência do esquecimento pode assim levar-nos até ao elo perdido, ao que não surge como óbvio, à interpretação, ao facto ou ao intérprete omissos, para ir ao encontro do que estava ali, mas que não víamos ou que algo escondia.

É este o papel que pode cumprir a nostalgia como instrumento de encontro. Svetlana Boym atribuiu ao conceito um significado denso e de uma natureza não necessariamente negativa, doentia e passadista, tal como ele é mais vulgarmente entendido. Distinguiu, de forma muito vantajosa, uma

Pichagem situacionista em Paris,
Maio de 1968



«nostalgia reconstitutiva», aquela da qual vulgarmente falamos, preocupada sobretudo com a tentativa de recuperação ou de hipotética reconstituição do vivido, de forma a adequá-lo à imagem que dele é retida, de uma outra, a «nostalgia refletida», apostada em ultrapassar o limiar da história e da memória, imergindo de maneira criadora «nos sonhos de um outro lugar e de um outro tempo». Viajando até ele para poder alimentar o presente.

A nostalgia toma aqui a forma de «emoção histórica», munida de ricas virtualidades dinâmicas no processo de interpretação do mundo ou na forma de nele interferir, agindo hoje com o ontem como referente ou inspiração. Boym reconheceu essa leitura positiva da nostalgia como «efeito colateral da teleologia do progresso»; isto é, como instrumento de uma visão historicista do mundo, reanimada, a partir das décadas de 1950-1960, com a afirmação da «cultura de massas», que disseminou por todo o lado, com o cinema e a televisão como instrumentos decisivos, imagens atualizadas ou idealizadas de épocas ou figuras do passado. Neste sentido, a relação entre memória e história pode tornar-se um fator de transformação, recuperando fragmentos do que chega de trás – episódios, figuras, valores ou ideias – como fatores de mobilização para um número crescente de sujeitos, já não como região de melancolia e inércia para quem viva a contemplar o passado ou a

lamentar a sua perda. Uma transformação no conceito de melancolia pode interferir também neste processo de recuperação do esquecido. Enzo Traverso identificou-o em associação com o que chamou «melancolia de esquerda», espécie de tradição escondida, tão antiga quanto a própria ideia de esquerda, que possui um trajeto subterrâneo e persistente, capaz de interferir politicamente nos dias de hoje. Terá sido o colapso dos regimes do «socialismo realmente existente» que se seguiu a 1989 a trazê-la à superfície, já que antes ela teria sido recalcada, censurada ou transformada em fator de uma liturgia. Ela não comporta um sentimento passivo ou de derrota, encarado como doentio, mas antes uma disposição interior dinâmica que «não é um freio ou uma forma de resignação», mas «uma via de acesso à memória dos vencidos, capaz de renovar as esperanças do passado que permaneceram inacabadas e que apenas esperam para ser reativadas». A sedução que exerce coloca-a em condições de promover um regresso a um «objeto de amor perdido», a anseios e utopias com origem no que chega de antes, incluindo-se neste os combates de natureza emancipatória despoletados a partir da Revolução Francesa, da tradição do movimento operário oitocentista, da viragem visionada em Outubro de 1917 e da renovação plural das causas sociais que teve lugar nos anos sessenta, ostentando o Maio de 68 como insígnia.

Fotograma de Nostalgia (1983),
de Andrei Tarkovsky



O que podemos identificar como vínculos adormecidos com o passado, prontos a ser esquecidos, pode antes reconduzir-nos a ele como fonte de inspiração, tanto nas escolhas pessoais, quanto nas convicções coletivas e nos processos de transformação social. Existe mesmo, na perspectiva de um certo «marxismo romântico», a hipótese de incorporar, na lógica do combate à deriva neoliberal, uma perspectiva crítica e épica do que passou detetável em obras produzidas nos campos da criação literária, artística e intelectual no curso do século XIX, podendo a partir delas recuperar-se uma dimensão inspiradora da vontade de emendar os males do mundo. De Dickens a Thomas Mann, de Balzac a Tolstói, de Victor Hugo a José Martí, de Bakunine a Rosa Luxemburgo ou a Marx, encontram-se sinais dessa chispa transformadora que emergem de um passado desbloqueado para reaparecer com novo vigor.

Para que isto seja possível torna-se imperativo separar, de um lado, a história, sempre com uma dimensão autorreflexiva, que para se fazer coloca o passado à distância, e do outro a memória, que se preocupa menos com a contextualização do que com o uso do que aconteceu como alimento da vida pessoal e ferramenta da mutação. Porque esta é uma construção, filtrada por conhecimentos adquiridos e experiências habitadas, que viaja até ao passado, não para conhecê-lo, ou para interpretá-lo, mas para torná-lo parte da vida atual.

Daí a necessidade de dialogar de todas as formas com a memória, bem como com os seus múltiplos intérpretes e testemunhas, não deixando que seja apenas quem pode e quem manda – em casos extremos os algozes, e não as vítimas – a decidir em que lugar do passado estão os nossos interlocutores.



Memória e Nostalgia

Joana Pontes

I
Houve um tempo em que eu fazia como a minha mãe, exactamente ao contrário do meu pai: quando calhava ver as fotografias dos álbuns da infância ou abrir a gaveta onde guardava cartas e postais, começava a chorar. Primeiro ficava com um nó na garganta, ou como dizia a minha Carolina quando era pequenina, as lágrimas atravessavam-se como um osso e não conseguia tão cedo voltar a falar. Depois começavam a cair e as mãos ficavam molhadas, as cartas e as fotografias também. Seguia-se um choro desamparado e uma pressa danada em arrumar tudo e voltar ao momento anterior a esta peregrinação.

Há dois anos comecei a preparar um filme sobre fotografia colonial. Foi aí que reparei que agora faço como o meu pai, exactamente ao contrário da minha mãe: pego nos álbuns, viro as páginas de cartão grosso e as finíssimas folhas de papel de seda que as cobrem e vejo com curiosidade como éramos, o que fazíamos, onde estávamos. Levei as minhas fotografias para este filme como prova de que fomos felizes em muitas ocasiões, sem pensar nisso, vivendo, apenas vivendo.

Nestas imagens encontrei os meus pais como namorados apaixonados, eu e o meu irmão juntos, como gostaria que estivessemos agora, as manhãs na praia, as escolas onde estudámos, as festas de aniversário e até as máscaras de carnaval que

usámos com a alegria contagiante do disfarce: eu, de chinesa, com um quimono que era, afinal, um robe de quarto e na cabeça um chapéu de cartão azul escuro de onde saía uma trança comprida em papel de seda preto. A meu lado, o meu irmão e um vizinho de quem eu queria ser namorada, bravos cowboys com pistolas presas num coldre de plástico castanho e um chapéu a condizer. E depois, lá estão as imagens do nosso crescimento. Eu, a mais alta do grupo, os cabelos compridos e um ar de desafio. O meu irmão, o mais alto do grupo, os cabelos compridos e um ar discreto. A seguir, um grande intervalo em que não há imagens ou muito poucas, talvez dez ou quinze anos. Nesse intervalo, caminhos diferentes levaram-nos a sítios longínquos, e a vida foi correndo.

II
Tenho à minha frente dois pianos e uma orquestra de cordas. Tocam Bach.

Fecho os olhos. E logo estou numa pequena sala com o meu pai. Tenho cinco ou seis anos e brinco com um cão de peluche branco igual ao do Tintim. Os olhos são duas contas negras e a língua é um minúsculo pedaço de flanela vermelha, sempre de fora. As persianas estão corridas até meio da janela. A penumbra suaviza o calor.

O meu pai lê o jornal, como faz todas as tardes quando chega do trabalho. Ouvimos música. A esta

hora há sempre um disco a tocar no armário a que oiço chamar pick up. Quando terminar de ler, o meu pai deixará o jornal na mesa e eu começarei a contar-lhe histórias...

E é aqui que entra Bach. Ouvimos um dos concertos para dois pianos e orquestra de cordas. O adagio tem qualquer coisa de encantatório, um discorrer de melodias que se entrelaçam e separam e voltam a unir-se... Por momentos, o meu pai pouisa o jornal nos joelhos. Eu paro de brincar. O meu coração bate com força. Sinto que não cabe dentro de mim. Não sei explicar esta emoção. Levo a mão ao peito.

Abro os olhos e estou na sala de concerto outra vez. Os dois homens estão ao piano, tocam de costas para nós e de frente para a pequena orquestra. Lá estão as mesmas melodias em movimento, o pizzicato nas cordas dedilhadas, os músicos juntos, os gestos suaves, quase síncronos... Emociono-me. Não há um nó na garganta, só lágrimas nos olhos.

Por momentos volto à sala onde estava com o meu pai. E pergunto-lhe se esta é a música que se toca no céu. Ele sorri e passa-me a mão pela cabeça. Volta ao seu jornal. Eu abraço o meu cão de peluche. Tenho saudades deste lugar seguro onde pude crescer sem sobressaltos...

Na sala há agora quatro pianos. Continuamos com Bach. Tocam três homens e uma mulher. Ela tem 81

anos e chama-se Olga. Está ligeiramente curvada sobre o piano. A minha memória faz-me vê-la há mais de vinte anos, numa outra obra para quatro pianos, percussão e canto. Tem o mesmo sorriso, os dedos movem-se com agilidade e quando não toca as mãos desenham o ritmo no ar.

Esta música que se me apresenta com um rigor belo que diria matemático, leva-me a Jorge de Sena, como sempre acontece quando ouço Bach. Penso nas suas palavras que trago comigo desde o fim da adolescência:

"Nada há que eu não conheça, que eu não saiba, /e nada, não, ainda há por que eu não espere /como de quem ser vida é ter destino."

Aqui está a lucidez que me espanta sempre, tal como na primeira vez e a luminosidade de um "terror tranquilo, seguro e certo" ... "A tudo quanto espero e quanto temo, / entregue a ti, Amor eu me dedico." ... "Não poderás salvar-me, nem salvar-te. / Apenas como queiras ficaremos vivos."

Escrever, pensando e sentindo, é como compreendo a música de Bach e as palavras de Sena.

A minha tarde há-de passar-se neste caminho cruzado entre os pianos e a vida já vivida, de volta das memórias que surgem sem aviso, às vezes antigas, outras de ontem, associações quase livres que me levam e trazem num movimento contínuo.

O coração bate mais devagar. Já não há lágrimas.
Respiro fundo. Agora estou aqui presente,
atalhando qualquer desvio, aqui e agora.

O concerto termina, levantamo-nos e aplaudimos
de pé, há uma unanimidade feliz na sala cheia.
Volto para casa. Espera-me a vida normal, tenho
uns amigos para o jantar. Vou pela marginal,
devagar, acompanhando o rio em direcção à foz, a
luz a cair, como dizemos nos filmes, o alaranjado
do por do sol de um dia que foi claro dando lugar a
um azul cada vez mais profundo e escuro. Em
breve será noite.

E ocorrem-me as palavras sábias do poeta Manuel
António Pina: Memória é tudo o que temos, palavra
é tudo o que temos.



Dados de Preenchimento Obrigatório

Marta Cunha Caldeira

Prólogo:

Ela: Quando era pequena
O meu pai chamava-me
Fanerogâmica

O Pai: Eu estou vivo?

Um Parêntesis:
(**Esta luz não abre à palavra. Mas abre em nós a
palavra
Como uma reminiscência.)**

Eu agora tenho dez para onze anos e estou sentada
à porta da casa de banho. Cá fora, Viver Sempre
Também Cansa, e a voz do meu pai
Eco, eco, eco
Eu: andolitá, cara de amendoá, um segredo
coloredo
Que segredos se escondem na voz do meu pai?
(Eu estou vivo?)

O pai agora, agora mesmo, sentado quieto, muito
quieto, olhos aguados, o corpo, a voz, os olhos
quietos, muito quietos. Xiu, **os gritos não se dizem**

Era um janeiro sem piedade nem frio, lá na terra
dos turras e da guerra, essa guerra de olhos
escancarados para a morte e o pai-jovem.

Pouca coisa basta para alguém se morrer, um
absurdo, uma bala inimiga, pouca coisa basta.

Quando eu nascer, em setembro, humidade-
oitenta-e-tal-por-cento, o pai-jovem é já um pai-
velho

Olhos aguados
(só por dentro, só por dentro)

E umas mãos de criança que procuram outras mãos
– agora, agora mesmo, o pai em busca das mãos,
essas mãos que o hão-de salvar:

- Mariazinha?

- Sim?

- ...

Pouca coisa basta para um homem se salvar, o
amor de uma mulher,
O amor feito e refeito por entre o absurdo dos dias.
Pouca coisa basta.

O Pai-Jovem: Eu estou vivo?

Da importância de ter nascido em mil novecentos e sessenta e dois, lá, nessa terra dos turras e da humidade-oitenta-e-tal-por-cento e ter um pai que cagava a recitar poemas do zé gomes ferreira, e eu

Quieta, muito quieta,

Viver Sempre Também Cansa, ó Pai, não dissemos nada e agora

É tarde, tão tarde, tu estás para aí, quieto, com todos os gritos que já não dizes, com todos os silêncios que já não falam de nada

De nada.

Dez para onze anos e sou uma melancia verde por fora vermelha por dentro criança-mulher-jovem-velha também eu

Também eu.

Os gritos não se dizem. Eu digo, eu digo.

O pai-jovem-vinte-e-seis-anos e a matar gente, a ver morrer gente, lá nessa humidade-oitenta-e-tal-por-cento, e o amor,

Uma terra onde todos os dias ao morreres, vivias, sob as mãos dessa mulher:

- Mariazinha?

- Sim?

- ...

A estranheza maior agora, agora mesmo, que as mãos que procuras as tenha engolido essa bruma, esse lugar tão absolutamente distante que habitas, agora, agora mesmo.

Quando eu era pequena, o meu pai, chamava-me fanerogâmica.

O abracadabra de uma só palavra

Bonita

Abriu-me por dentro a porta para as palavras. Essas que me gritam.
E as outras.

Eu tenho oito para nove anos e sou uma fanerogâmica de olhos aguados, mas só por dentro, só por dentro, e venho a correr de nariz empertigado e tropeço na minha guerra

Tenente Miliciano António Cunha Caldeira,
meu pai,
(Batalhão 356, Sapadores, Guiné-Bissau, 1962-64)
no dia do seu casamento com Mariazinha,
minha mãe.



Na minha. Um espanto magoado a escorrer-me pelas pernas abaixo, pétalas de rosa, pétalas de rosa, e ala

Que é a vida, a vida que tem tantos, mas tantos gritos que não se dizem e morres por vezes tão de mansinho

Que nem dás por ela.

(Ele, o Outro, a dizer baixinho correndo a fechar a porta, é segredo, sim, o nosso segredo, sim, e desaperta as calças e rouba-me o sangue e eu, melancia, melancia)

(Ela: Escorreu-se-me uma vida inteira com o sangue que me roubaste. Pouca coisa basta para alguém se morrer, um absurdo, uma bala inimiga)

Eu sei, pai, meu pai, eu também queria ter corrido para ti, que matulona estás, mas do que ficou por dizer

Não há remédio, é a tal da humidade-oitenta-e-tal-por-cento e aquele momento obsceno em que a vida escancara a morte

Olhos aguados, quieto, muito quieto, e o fio que se quebra

Jamais podemos retornar ao que poderia ter sido.

É tarde, demasiado tarde. Não é?

(Eu estou vivo?)

(E eu, pai, estou viva?)

Olha, anda, vamos aos grilos, deitamo-nos na erva, fechamos os olhos e eu tenho para aí seis anos e tu e eu

Somos quase felizes. Juro.

Pouca coisa basta para alguém se morrer. Pouca coisa basta para alguém se salvar. Andolitá.

Marta Cunha Caldeira, entre Bissau, setembro de 1962 e Nafarros, janeiro de 2020
Humidade-oitenta-e-tal-por-cento.

(a negrito as palavras do Rui Nunes)



Maria João Cortegaça





Referências

Andresen, Sophia de Mello Breyner (2015). *Obra Poética*. Porto: Assírio & Alvim

Carvalho, Mário de (2014). *Quem disser o Contrário é Porque tem Razão*. Porto: Porto Editora

Gutkind, Lee (2007). *The Best Creative Nonfiction, vol.1*. New York: WW Norton & Company

Houaiss, A., de Salles Villar, M., & de Mello Franco, F. M., Almeida, J. A., Casteleiro, J. M. (2002). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores

Márquez, Gabriel García (2015). *Eu não venho fazer um discurso*. Lisboa: D. Quixote

Nery, Isabel (2019). *Sophia de Mello Breyner Andresen - Biografia*. Lisboa: Esfera dos Livros

Süssekind, Pedro (2009). «A Arte de Escrever», *Sobre a erudição e os eruditos*. Porto Alegre: L&PM Pocket

O que é uma Biografia?

Isabel Nery

Conta-nos uma história, mas não é ficção. Deve dar prazer de ler, mas nem todos a consideram obra literária. Afinal, o que é e como se deve contar uma vida em livro?

A pergunta pode até parecer descabida e tem rápida resposta numa simples busca de dicionário: «Narração oral, escrita ou visual de factos particulares das várias fases da vida de uma pessoa» (Houaiss, 2003).

Aceitamos sem grande risco de controvérsia que uma biografia é sempre a história de vida de alguém. Mas esta (aparente) simplicidade prende-se com o facto de estarmos a buscar definições do ponto de vista do recetor, do leitor. Se precisarmos de definições do ponto de vista do autor, do biógrafo, tudo se complica.

Aliás, a verdade é que não vamos encontrar uma definição. Ou, pelo menos, não vamos encontrar uma definição universal, homogénea, aceite por uma maioria. Porque há tantas maneiras de escrever uma biografia quantos autores. Muitas vezes jornalistas, outras tantas romancistas ou historiadores, qualquer um pode publicar uma biografia.

Quando, em 2016, Francisco Camacho, então meu editor na Esfera dos Livros, me perguntou de forma algo inesperada se eu não gostava de escrever uma biografia de Sophia, teria sido útil encontrar um

«manual de boas práticas» ou uma qualquer Bíblia que me iluminasse o caminho para o complexo caminho que comecei desde logo a adivinhar. Nada disso havia. Por isso, socorri-me de um bem precioso: a liberdade. Não estando os caminhos fechados para este género (como, provavelmente, não deveriam estar para outros), decidi que poderia optar por um género próprio: o meu.

Como, talvez por defeito profissional, penso primeiro nos interesses de quem me vai ler, decidi que devia escrever uma biografia baseada no que sei fazer melhor: reportagem. Assim, chamei ao meu livro uma reportagem biográfica.

Também por razões que se prendem com o mesmo defeito do parágrafo anterior, entendo que a credibilidade de uma história está nas fontes. Foi isso que me levou à busca de todos os documentos (da Granja ao mar do Norte) e testemunhos (cerca de sessenta) que me pareceram relevantes.

A necessidade de fontes documentais não levantará grandes dúvidas, embora tenha levantado inúmeras dificuldades, nomeadamente a que implicou perseverança digna de Dom Quixote e espera de um ano até obter os ficheiros relativos ao processo académico de Sophia, tema nunca cabalmente esclarecido até à publicação desta biografia.¹

¹-Sophia só deixa o Porto para ir estudar Filologia Clássica em Lisboa, mas regressa ao fim de pouco mais de um ano, descontente com a experiência universitária.

Há, aliás, que alertar para as inúmeras barreiras que os investigadores têm de ultrapassar sistematicamente em Portugal. Apesar das tantas décadas passadas sobre a ditadura, o acesso a documentos históricos continua a pautar-se por uma atitude de secretismo, de dificuldade de consulta e - pior de tudo - de discricionariedade, que torna impossível sabermos com que regras podemos trabalhar. Muitas vezes, mudam de instituição para instituição e remetem de artigos para articulados, que só um advogado (e experiente) poderia traduzir.

Outro caso típico é o das múltiplas assinaturas e despachos exigidos para aceder a um determinado documento. Mesmo quando a maior parte das vezes nem temos a certeza se esse papel nos vai trazer algo de importante para a investigação.

Aconteceu-me com o pedido de consulta de uma correspondência. Depois de muita insistência e dificuldades, chega finalmente à caixa de correio eletrónico a autorização para ler o que Sophia havia escrito a um amigo. Abro com grande expectativa. Mas o que toda a minha insistência e empenho tinham para me recompensar era um telegrama. De uma linha.

Claro que uma linha pode ser providencial numa investigação. Só que não era. As palavras por que tanto esperara não passavam de qualquer coisa

dentro do género «vou chegar atrasada». Prova de que não tem de ser assim foi a atitude exatamente oposta que encontrei na Alemanha, onde pude consultar com a maior das facilidades os arquivos que me permitiram confirmar as origens do bisavô de Sophia, Jan Andresen. Assim como me foi facultada cópia do diário da mulher daquele que foi um dos melhores amigos de Jan, o capitão Eduard Knudtsen.

Há, portanto, que ser perseverante para conseguir alguma coisa que se pareça com a realidade dos factos, ou seja, a realidade baseada em fontes. Até porque, como lembra Mário de Carvalho (2014, p. 123), «mesmo a incoerência dum personagem incoerente tem que ser coerentemente construída».

Uma biografia é uma obra de não ficção, logo obrigada a obedecer ao rigor da informação. Ao contrário do que parece por vezes insinuar-se, a ficção não tem de ser melhor do que os factos: «Manter-se fiel aos factos é a melhor literatura de todos os géneros - poesia, ficção ou não ficção - a que desperta emoções, que inspira ideias, quebra fronteiras de estilos, e questiona normas sociais» (Gutkind, 2007). O único «problema» é que os factos dão muito mais trabalho.

Se as fontes documentais têm as suas vicissitudes, as testemunhas têm certas especificidades. No caso da biografia de Sophia de Mello Breyner Andresen, cujo centenário do nascimento se

celebrou em 2019, pareceu-me importante não ignorar o facto de que dentro de poucos anos deixaremos de poder contar com muitos dos testemunhos vivos que privaram com Sophia. Entre os cerca de 60 testemunhos que recolhi, Júlio Pomar, que ilustrou um dos seus livros infantis («O Cristo Cigano»), morreu antes mesmo da publicação da biografia.

Havia, ainda assim, muitas pessoas que conheceram a poeta. Tantas que importava também fazer uma seleção. Porquê falar com uns e não com outros? Interessava ouvir os que conheceram intimamente a biografada. Mas não só.

Durante o trabalho de campo aconteceu-me ouvir de alguns testemunhos que não tinham muito para contar. Por vezes era preciso insistir e valorizar o que os entrevistados desvalorizavam. Os relatos casuísticos são primordiais num trabalho como este. São eles que me vão trazer aquele detalhe, aquele episódio, aquela anedota que fazem a riqueza de uma biografia. Caso contrário, ficaremos reféns das datas e feitos do biografado, correndo o risco de entregar aos leitores uma obra rica em enumerações, mas enfadonha em estilo. Tal não significa retirar seriedade ao trabalho. Pelo contrário, são os detalhes (eventualmente mundanos) que nos permitem dar sentido a qualquer história como um todo. Importa manter a integridade dos factos sem esquecer o poder de uma boa narrativa.

A este propósito lembro-me sempre do que talvez seja um dos maiores equívocos da produção literária: o de que ler muito fará um bom escritor. Sei bem que é um clássico, mas não só está por provar, como merece o repúdio da autora em causa.

Sophia não lia muito. Aliás, quando a mãe ralhava porque achava que ela devia ler mais, a poeta respondia: «Mas eu sou escritora, não sou leitora». A ideia pode chegar a parecer absurda porque sempre ouvimos que é preciso ler bem para escrever melhor, mas se pensarmos nas palavras de Shopenhauer compreendemos que aquela insubordinação é absolutamente coerente com Sophia.

«Em geral, estudantes e estudiosos (...) têm em mira apenas a informação, não a instrução. A sua honra é baseada no facto de terem informações sobre todas as pedras, ou plantas, ou batalhas, ou experiências, sobre o resumo e o conjunto de todos os livros. Não lhes ocorre que a informação é um mero meio para a instrução, tendo pouco ou nenhum valor por si mesma. Diante da imponente erudição de tais sabichões, às vezes digo para mim mesmo: Ah, essa pessoa deve ter pensado muito pouco para poder ter lido tanto! (...) Sinto necessidade de me perguntar se o homem tinha tanta falta de pensamentos próprios que era preciso um

(Shopenhauer, in Sússekind, 2009, p. 20)
Sophia poderia subscrever este manifesto. O que me leva a outro ingrediente importante de uma biografia: as contradições. Não as forçadas, e menos ainda as forjadas, mas as que sempre vão com o humano.

Se a palavra biografia vem do grego bios/vida + grafia/escrita, seria um erro esquecer que, antes de mais, estamos a contar uma vida.

E qual é a vida que não se faz de contradições?

Sophia criticou a política, mas esteve profundamente empenhada politicamente. No discurso que prepara para o primeiro congresso do Partido Socialista, diz:

«Não queremos a violência, não queremos que a liberdade seja sofismada. Não queremos nem inquisições nem perseguições. Não queremos política da terra queimada. Não queremos política imposta.» (Nery, 2019, p. 211)

Sophia não se identificava com feminismos, mas esteve na vanguarda. Dos 250 deputados da Assembleia Constituinte, apenas 27 eram mulheres e apenas uma - precisamente Sophia - presidiu a uma comissão parlamentar, a que estava responsável pela redação do preâmbulo da

34 Constituição.

Sophia era poeta, mas escrevia sobre a realidade, como relata de forma inequívoca nas suas «Artes Poéticas»:

«A poesia é a minha explicação com o universo (...) Por isso o poema não fala de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros (...), perfume da tília e do orégão.» (Andresen, 2015, p. 891)

Depois do lançamento, em maio de 2019, uma das perguntas que ouvi mais vezes foi: Porque escreveu este livro?

Eu dava todas as explicações que me foram fazendo sentido ao longo do processo de pesquisa e de escrita. Escrevi-o porque fazia falta; porque Sophia teve um lugar na História e não apenas um lugar na Literatura; porque uma biografia contribui para dar aos leitores a consciência desse lugar na História que a poeta ocupa; porque ler biografias também é uma forma de ver melhor um autor e o que deixou escrito; porque sou jornalista e um jornalista é um entregador de histórias; porque as histórias nos aproximam uns dos outros.

Nem sei se precisaríamos de tantos porquês para biografar uma das poetas mais amadas pelos portugueses, a única mulher escritora com honras de Panteão Nacional.

Talvez nos bastassem as palavras de Susan Sonntag quando nos diz que se não se falasse ou não se

escrevesse sobre o que acontece, não haveria verdade. Porque a verdade é sempre algo que é dito.

A mim, pareceu-me importante deixar dito quem foi Sophia.

Das desventuras próprias à produção literária falta ainda falar do objeto último de todo o trabalho e esforço empreendido, geralmente tarefa para vários anos, a execução de um exemplar de escrita que virá a transformar-se no objeto a que chamamos livro.

Começar por seguir os ensinamentos de Alexandre Dumas sobre o melhor método para escrever uma peça de teatro parece um bom princípio: «Não tem dificuldade. Compre um caderno, forre-o muito bem e na primeira linha escreva 1º Ato. Quando chegar ao fim do caderno, a peça está pronta» (Carvalho, 2014, p. 18).

Embora nada aconteça sem este tiro de partida, tão singelo quanto desconcertante, cada autor tem os seus processos. Uns escrevem todos os dias, outros de supetão. Eu sou das que inveja os primeiros e se aproxima dos segundos. Tal significa passar por uma fase no processo de investigação em que me começo a sentir tão cheia, tão cheia, que parece que vou explodir.

Aí é chegado o tempo em que vou acordar a meio da noite para escrever coisas, rabiscos, em

papelinhos, tantas vezes intraduzíveis no dia seguinte, mas que me parecem autênticas emergências. Embora algo ansiosa, essa fase é importante para conseguir despejar tudo pela ponta dos dedos. É nesta altura que oiço amiúde piropos do tipo: «Calma, o computador não tem culpa. Olha que partes as teclas!». Mas o livro começa a nascer. Depois vêm os lançamentos.

Durante quase três anos fui só eu, Sophia e o livro que estava para nascer. Depois da publicação já não somos nós e o livro, mas nós, o livro e o resto do mundo. E isso pode ser uma relação distópica. Por um lado, queremos que o resto do mundo faça parte - afinal, é para isso que se escreve. Por outro, tantas atenções chegam a parecer invasões. De um dia para o outro passamos do maior recato e isolamento, que é sempre a escrita de um livro, para ficar sob os holofotes. Umas vezes alumiam, outras encandeiam.

Não era objetivo deste texto deixar ensinamentos para futuros biógrafos, até porque, como nos diz García Márquez (2015, p. 46), «não há conceito que mais tarde ou mais cedo não seja ultrapassado pela vida». Mas «se o exercício da dúvida produz maus anúncios pode, em contrapartida, gerar melhores escritores» (Carvalho, 2014, p. 17).

Que a dúvida nos acompanhe. Aos biógrafos. E aos outros.

A Viagem Continua

Rui Cardoso Martins

Escrevi esta crónica há 11 anos, em Janeiro de 2009. Foi publicada a 1 de Fevereiro no jornal "Público". Foi a primeira vez que escrevi sobre a morte da minha mulher e mãe de dois filhos, a jornalista e editora Tereza Coelho (1959-2009). A Tereza morreu a 17 de Janeiro, na sequência de uma infecção que se revelou fatal, vítima de negligência médica no Hospital Cuf Descobertas, condenado em tribunal em Agosto de 2015.

A crónica é, por assim dizer, um obituário pessoal. Não gosto muito de nostalgia, mas precisamos da memória, até porque sem ela não fica nada, nem verdade, nem ficção. Quando me falam em memória, é disto que me lembro:

A Viagem Continua

O mundo é pequeno mas redondo e não acaba. Há dias, na Feira Internacional de Lisboa, o turismo tentava salvar-se da crise. Entrei com um amigo, o Jorge, que vive no Brasil. Deu-me folhetos do Rio Grande do Norte (dunas do Natal, "As tartarugas atravessam o oceano para vir comer aqui. Por quê?"), de Maceió ("É bonito demais") e falou-me de um homem que gostarias de conhecer: o Bill Goianes, bandoleiro do Recife. Um tio do Jorge levou 26 tiros à saída do banco e, como não morreu, contratou o Goianes. Este matou os implicados e os outros à volta e foram festejar com cachaça. A meio da noite o bandoleiro, desdentado, apontou a pistola à cabeça do Jorge e perguntou

ao tio:

- Doutor, é para matar?

Que pena não podermos ir falar com Bill Goianes, como fazíamos. Chegados ao deserto de Atacama, logo floriu com uma chuvada, caso muito raro. No "Vale da Lua", pediste:

- Não digas paisagem lunar.

- Que paisagem lunar.

Em Arica, pareceram-te as acácias vermelhas de Lourenço Marques. Também gostavas da calçada de Manhattan, os tijolos iguais aos de Moçambique. Em Nova Iorque, com o António Lobo Antunes, a Maria João, descobrimos frases de escritores no empedrado. Lucille Clifton:

*eles pedem-me para lembrar
mas querem que me lembre
das suas memórias
e eu continuo a lembrar-me
das minhas.*

Na Colômbia, o autocarro passou-nos um vídeo sobre o que fazer em caso de sequestro. Em Miami, deram-nos a suite dos noivos. Em Cuba, ficaste na piscina com os miúdos e fui mergulhar com barracudas. Na Eurodisney, o hotel do road-runner, o pássaro que atormenta o coitote, bip-bip. Há semanas, em Londres, o Henrique e a Sara gostaram de tudo mas acharam o museu de figuras de cera Madame Tussaud's uma simples atracção com celebridades. Ficámos bem na foto ao lado da

rainha, senhora que tem passado muito. No Panamá, na praia La Miel, o barman:

- La princesa Diana de Gales morreu esta noite.
- Como é que a Diana pode morrer?

Para que saibas, nasci no Alentejo, terra de suicídios, só colegas de turma foram dois ou três, é assunto sociológico e literário, acho eu.

- Não gosto de pessoas que se matam. Acho uma falta de educação.

Nunca erraste a frase. Se isto fosse fácil, era para os outros (lema teu dos marines).

No casamento, em Portalegre, o Hermínio Monteiro ofereceu-nos um quadro de Juan Muñoz, foram-se embora disto quase ao mesmo tempo. O Al Berto dera, por antecipação, duas úteis pegadas de cozinha, em crochet, e também se foi. Num livro com capa do Nozolino, ele pediu-me que cuidasse de ti, mas era um poeta. A Mena levou um bonito corta-papéis, o Croft mandou entregar uma caixa enorme, o Pinharanda quotizou o "Público" inteiro para a urgência da arte em casa, o Luís Pedro esteve muito falador. O Alexandre Melo contou às mesas que esteve quase a bater-me na festa em que nos conhecemos, pensou que um palerma te estava a importunar. O Tininho, o Pereirinha, o Zeca, o Eustáquio, as minhas irmãs, os primos, etc., cantaram blues alentejanos com o Coro das Gazelas Vadias. Um grupo contratado de mariachis de Badajoz soprou as trombetas até de manhã, mas saíram esgotados pelos nossos ecléticos amigos e, pouco depois, reformaram-se.

Não tentaram o regresso aos palcos, em dez anos. O Alexandre tem um truque: os amigos não morrem, hoje é que não podem vir.

A última:

- Se eu morrer, tratas dos nossos filhos?
- Não vais morrer. Mas é claro.

Só me enganei numa coisa.

O que ficou dum coração: passaram por aqui os hunos.

A Miss Sud-America faleceu esta semana com a mesma bactéria. Tu eras mais bonita.

Desculpa as palavras espavoridas, fogem dos arbustos para o céu, mas não tenho a tua pontaria a caçar chavões. Não sou Bill Goianes, bandoleiro do Recife.

Tantas viagens paradas no mundo redondo. Já muitos o fizeram, deixa-me só dizer-te, Tereza Coelho, amor, obrigado e até à vista.

A Cadeira de Lona

Sandro William Junqueira

Está um dia quente. Um daqueles dias de verão em que parece que uma vaca se deita em cima de nós. Um calor dos demónios por toda a parte. E mosquitos. E moscas. E respiração ofegante. E dores nas têmporas. E pele a colar à roupa. Até aqui, onde na maior parte do tempo é só vento e nevoeiro. Nevoeiro e vento. A maior parte do tempo. O presidente está no forte a gozar o seu período de férias. Prepara-se para a toma da sua dose diária de informação. A cadeira é de lona. De cor bege. Ou salmão. É uma cadeira de lona. Bege ou salmão. O Augusto Hilário, que também está no forte, não de férias, mas em trabalho, tem um jornal na mão. O jornal de notícias. Na mão. E estende a mão. E empresta ao presidente o jornal de notícias. Para que ele possa saciar o apetite. E lambuzar os dedos. Augusto Hilário, depois de ter emprestado o jornal de notícias, ajoelha-se junto da cadeira de lona. Não para rezar. Antes fosse. Ajoelha-se junto da cadeira de lona para verificar com o indicador a temperatura da água do alguidar de plástico. António Hilário encontra-se junto de um alguidar de plástico com água morna. E da cadeira de lona salmão ou bege. Prepara-se para tratar daquele maldito calo que há tantos meses importuna o presidente e o seu caminhar. Um calo, é verdade. Coisa mais terrível não há. Um prego teimoso que faz questão de penetrar a sola do pé sempre que o presidente calca o chão com mais força. Neste dia quente de agosto chegam notícias da Checoslováquia.

Está no jornal. O presidente, interessado, esganado, começa a ler a notícia em destaque na primeira página ao mesmo tempo que o seu corpo começa a a diminuir... a a a fletir... a a a descer... Não tenho certeza quanto à utilização destas palavras.... Dá início ao movimento que permite à gravidade fazer o trabalho de o auxiliar a sentar-se. Está nas gordas do jornal de notícias. A primavera de Praga aproxima-se do seu fim. E a atenção do presidente prende-se ali. Na junção daquelas letras enquanto as suas rótulas começam a dar de si. Ventos vermelhos sopram de leste e a primavera de Praga ameaça morrer em pleno verão. E foi então que aconteceu. Aconteceu. Foi. Aconteceu o inesperado. Não se sabe se por um golpe de calor. Se pelos mosquitos e moscas. Se pela atenção dada aos ventos vermelhos de leste. Se por aselhice ou distração. Se por descuido ou velhice. Se por desequilíbrio ou debilidade da cadeira de lona. Bege ou salmão. Na verdade, não se sabe. Talvez nunca se venha a saber. Nunca. Há sempre uma versão diferente para todas as coisas. E ainda bem. Que interesse têm as coisas que se passam a partir do momento em que se passam? Não se sabe se por descuido, desequilíbrio – ou por mera debilidade da cadeira de lona. O que é certo é que o corpo do presidente falha a cadeira, ou a cadeira de lona falha perante o peso do presidente, e a cabeça do presidente dá uma forte pancada contra as lajes do terraço do forte. No momento exato em que pelas lajes do terraço do forte passou o

espírito do silêncio. No momento exato em que Augusto Hilário se preparava para lhe tratar do calo. A água estava morna. Temperatura perfeita. Mas isto ainda não acabou. Isto ainda é só o começo. Ainda agora começámos. Mas vamos tentar não espreitar o futuro. Nem pensar na velhice e na morte. O que vier será. No momento exato, no preciso momento em que as lajes do terraço do forte abalroam a cabeça em queda do presidente, a Maria da Conceição larga um grito. Um grito. A Maria da Conceição. Um grito enorme. Escavado das entranhas. Uma pessoa daquelas ser vítima de um acidente tão banal, e logo durante a frivolidade de umas férias. É de gritar, de facto. Apesar de algumas imprecisões, nada disto é falso ou inventado. Só porque não vai sair no jornal de notícias de amanhã. Nem nos jornais dos próximos meses. Tudo isto acabou de acontecer. Agora mesmo. E a nossa função é dizer-vos o que aconteceu. Correndo o risco de tudo o que dissermos ser inventado. Aqui, e durante o tempo em que aqui estivermos, as margens da realidade irão confundir-se com as margens da ficção. A realidade é pura ficção. Por isso perdura. A autenticidade é breve. Por isso é efémera. Hoje. 3 de agosto de 1968. O dia em que o verão resolveu ser uma vaca a deitar-se em cima de nós. O dia em que Augusto Hilário não conseguiu tratar o calo nem dar uso à água morna do alguidar. O dia em que Maria da Conceição deu um grito no forte.

Em memória de Vergílio Ferreira

Teolinda Gersão

Foi Hélder Godinho, que trabalhava apaixonadamente sobre a obra de Vergílio Ferreira, que no fim dos anos 70 teve a ideia de me levar a conhecê-lo.

Não sei se disse que não e depois me deixei arrastar, ou se disse que sim por delicadeza. Nessa época acontecia-me por vezes dizer sim apenas por não encontrar de imediato uma forma delicada de dizer não. Na altura eu julgava a delicadeza uma virtude e esforçava-me por não ser indelicada.

Por isso me encontrei, sem saber bem como, a subir com Hélder no elevador.

Acontecia tudo demasiado depressa e eu ainda não tinha decidido se queria realmente encontrar a pessoa que estava atrás dos livros, sobretudo de um deles: Não sabia se queria conhecer o autor de *Aparição*.

Tinha lido o livro de um fôlego, pela noite adiante, muitos anos atrás, na época em que nós, os que então éramos muito jovens, descobríamos clandestinamente o sexo e o mundo. Na época das grandes revelações incandescentes, em que outro livro, de Fernando Sabino, *O Encontro Marcado*, (que sempre depois me recusei a reler, no terror de o poder achar banal), me veio também parar às mãos, como se não pudesse ser de outro modo:

A abri-lo vinha uma carta de Hélio Pellegrino, que li como se me fosse dirigida. Falava do encontro

encontro marcado passava sobretudo pelo encontro com o outro, de outro sexo, que trazia a revelação do amor e da alegria.

E aí começava o meu imenso diferendo com Vergílio, com o eros fúnebre de *Aparição*: Por que razão o homem que chega à pequena cidade provinciana se tem de transformar em mensageiro da morte? Por que razão Sofia traduz "hospes" por assassino? Por que razão o narrador a apunhala com uma arma branca (embora por entreposta pessoa, através de Carolino)? O homem que chega vem carregado de morte e semeia-a em volta (a morte do pai continuando na morte de Cristina e na do enforcado), e todas elas figuram a morte de Deus, sim, mas por que razão, pela boca do louco que duplica o homem que chega, criar é igual a matar quem se ama e a face de Deus é demoníaca?

É verdade que na época o culto da infelicidade estava em moda e nos era apresentado com uma aura de grandeza. Mas aquela linha de pensamento, que aparentava Vergílio com o existencialismo, parecia-nos uma câmara de tortura: expulsavam Deus e ficavam a gritar por ele no vazio, torcendo as mãos de solidão e de orfandade.

Nós fechávamos os livros e sorríamos, desconfiando que a frequência dos Seminários religiosos e as leituras demasiado crédulas da filosofia causavam danos irreparáveis a quem se

deixava apanhar.

Por que haveria de ser tão impossível, e aparentemente tão desprezível, ser um pouco feliz? Por que razão o eros se cobria de luto, em lugar de cantar?

Como antídoto líamos Boris Vian e troçávamos com ele de Jean-Sol Partre. Que, feitas as contas, nem era assim tão original. Não estava já tudo o que interessava em Kierkegaard?

Com a pressa despedíamos também Simone, que achávamos destituída de poesia e de humor, e nos lembrava as professoras azedas do liceu, sempre ávidas do poder de mandar em nós.

Tantos anos depois, verifiquei, eu continuava a rejeitar o eros fúnebre, Deus não me preocupava nem um pouco e a angústia existencial de Vergílio enervava-me. Era sem dúvida um grande escritor e um enorme romancista, mas era melhor eu não fazer aquela visita, que cada vez mais me parecia inadequada.

Entretanto o elevador chegava ao 6º andar. Regina já tinha aberto a porta e entrei. Por delicadeza. Foi assim que conheci o homem que estava por detrás de Aparição. E que, contra tudo o que eu julgava plausível e apesar de todas as nossas divergências, se tornou um amigo ímpar e fraterno, que ficaria na minha vida. Para sempre.

O mês de agosto

Diana Brígida Correia

O mês de agosto, os cristais e as bolhas efervescentes que sobem pelo copo de vidro e que deixam a desejar a frescura de mais uma dose de bramble com gelo picado e molho de limão. A dispersão de luz ofuscante pelas águas de cor azul celeste com o brilho em diamante ondulando conforme o vento. O açucareiro entreaberto, as tábuas de queijo da serra, a paisagem do areal ao longe, duas cadeiras verde-água que vieram de Espanha. A tarde que já se torna serão, o silêncio da noite, as pernas entrelaçadas na rede, os talheres usados deixados à beira da travessa, os risos vindos do outro lado do jardim. O filho mais velho que fechou o livro que já andava para ler desde o Natal e se deixou cair no banco de jardim. A introspeção que vai ao encontro a um poema que tinha analisado há uns anos de Pessoa, ortónimo: "Já não sei de onde vim nem onde estou/ De o não saber, minha alma está parada". O rapaz encostou-se nas costas do banco e fechou os olhos, à espera de recuperar o sono perdido das noites com os amigos, mas os versos que se recorda de ter lido em voz alta numa aula de língua portuguesa há quinze anos continuam à espera de ser reinterpretados. O passado, a infância e as experiências que o fizeram ser quem é. Entretanto, os primos mais afastados que estavam a jogar às cartas na mesinha de apoio do jantar entraram em casa e subiram para o segundo piso, o que o rapaz observou pelas luzes que vê serem ligadas e pela

mãe deles que os avisava de alguma coisa. O filho deu uns passos à frente, devagar, e sentindo o cansaço a apoderar-se dele. Pegou num jogo de tabuleiro mal-arrumado em cima de uma manta e levou-o consigo, sentando-se de novo. Organizou as peças e releu as regras do jogo, lembrando-se das dezenas de vezes que o tinha ganhado. Recordava-se perfeitamente dos momentos que passara naquele jardim a jogar aquele jogo, mas havia brechas impreenchíveis que não conseguia recuperar. O sentimento de glória de quando se levantava de braços no ar gritar vitória, do entusiasmo, da adrenalina que sentia quando era desafiado nas brincadeiras de criança. Pousou o tabuleiro no chão e olhou para o relógio, num suspiro de apreensão. As dificuldades diárias do seu emprego e da sua vida familiar eram como um labirinto que tinha sido autonomizado da comodidade encontrada quando criança. Mas a nostalgia que sentia tinha em conta o passado em absoluto ou era um desejo de recuperar e moldar algo que já passou conforme os óbices do presente? Era uma rejeição da imperiosidade da passagem do tempo, da irrecuperabilidade do momento exatamente como foi? O rapaz, resistindo ao cansaço e à melancolia, olhou para o céu estrelado e imaginou o Universo em seu redor. Pensou em vários momentos soltos do seu passado e em como não os poderia recuperar. Quando sentiu fome, já de madrugada, foi buscar tostas

com queijo e presunto e retomou a sua reflexão. Ao saborear a refeição tardia, sob o ambiente húmido e fresco das três da manhã, lembrou-se do seu primeiro namoro. As mãos entrelaçadas e aquecidas uma pela outra, o sangue a pulsar nas veias, o nervosismo contido, o medo de dizer as palavras erradas. O início que se tinha transformado em meses de conforto e aceitação. A adolescência, onde a autoestima variava entre muito boa e muito má. A sensação de ter alguém com quem partilhar momentos, a vivacidade de duas pessoas serem uma só. Depois de todas as experiências boas, o fim da relação revelara-se uma descarga de emoções com as quais o rapaz não tinha aprendido a lidar. Sentia-se fora de si próprio, como se a sua pessoa tivesse sido rejeitada por todos os seres humanos do mundo. Perante esta estranheza, esta emoção desconhecida, o rapaz teve de se abstrair do seu passado para se focar em si próprio. Lembrou-se do quão mais resistente se tornou, mas nunca deixou de sentir nostalgia pela relação que tinha tido e que perdera. Mas, de súbito, o rapaz apercebeu-se do equívoco que criara. As memórias não se evaporam, não deixam de ser o que eram, não se perdem. Continuam, para sempre, imarcescíveis em algum lado, mesmo que eventualmente esvaziadas de utilidade por questões alheias ao indivíduo, como o tempo que passa ou as pessoas que mudam.

O momento existe para sempre e nunca pode ser perdido nem desvalorizado porque fica registado exatamente como aconteceu, por mais breve que seja, em algum lugar no Universo. O rapaz arrumou os pratos e talheres que tinham sido deixados na mesa, enquanto se recordava dos instantes da sua vida que tinham sido positivos, o que lhe causou um aperto no peito. Com todas as falhas que já tinha cometido, sentia-se uma pessoa diferente da que era no passado. Com todos os erros e oportunidades que perdera, entendeu que os momentos de celeridade não passavam de faíscas efémeras num bloco de imperfeições. Pensou que este sentimento de nostalgia era a sua substância original, espontaneamente criada desde a infância, a pedir que fosse restabelecida. A felicidade das pequenas coisas, a facilidade com que tinha em comunicar com todos, a ausência de obstáculos sociais que só nos começam a invadir quando se ganha consciência. Sentou-se na rede onde tinha deixado o seu livro e esticou as pernas, relaxando os músculos e cedendo ao cansaço. É impossível reconstruir um momento exatamente como foi e o ser humano evolui. Mas o presente é a metamorfose das nossas ambições e perfeições ingénuas do passado que foram enganosamente avelhentadas. E quanto às faíscas breves de glória que surgem, ocasionalmente, ao longo da nossa vida, essas são a recompensa da resistência dos nossos fracassos. Não devem ser encaradas como

momentos perdidos e irrecuperáveis, negados pelos momentos negativos onde nos sentimentos subestimados, mas como a lembrança de que seremos sempre dignos do nosso mérito independentemente do que acontecer posteriormente. Há que distinguir e escolher as nossas memórias conforme os eventos fortuitas do presente. Há que aproveitar os nossos autênticos contemporâneos, a coexistência com as ideias e as pessoas que nos libertam da parte da memória que se revela infrutífera. O rapaz levantou-se repentinamente, reparando que o nascer do sol se aproximava. Quando o desconforto e a debilidade que sentia desvaneceram, entrou em casa e bebeu um expresso duplo sem açúcar. Esperou que arrefecesse, lentamente, e sentiu a chávena quente nas mãos. Sentou-se no cadeirão ao lado da televisão e bebeu metade de uma vez. As memórias que tinha e que se transformaram num sentimento de nostalgia eram nada mais que a sua humanidade a ser revigorada pela lembrança de instantes, diálogos e sentidos aparentemente amargos, mas verdadeiramente profícuos para o seu autoconhecimento.



Olhos de criança em cabeça de mulher velha

Nuno Vaz

A mãe, o mano & eu ficámos, em Lourenço Marques (já então com o nome de Maputo), a viver numa pensão onde, à noite, ouvíamos chorar e gritar «Acudam! Acudam que ele me mata!», a uma mulher que, no dia seguinte, ao pequeno-almoço, conversava naturalmente com seu marido, ou de mesa para mesa com os demais hóspedes, como se não tivesse acontecido nada. Eu perguntava à mãe: «Mas esta não era a senhora que ontem à noite berrava acudam, acudam que ele me mata?». E a mãe respondia, apenas: chiu.

Nesses últimos dias – e mesmo antes de irmos para a pensão, e até antes de o pai partir adiante, para tratar das coisas no Puto (Portugal), de forma a que fôssemos reunir-nos depois a ele – já adivinhava um choro sublimado no ar. Uma garota não é boa meteorologista de sentimentos, mas eu pressentia uma atmosfera saturada de tristeza, que me fazia pensar haver cometido um vago pecado. O pai, a mãe, o próprio mano, e o Feliciano e o Hilário, que eram os criados da casa, viviam como se qualquer coisa se lhes houvesse quebrado dentro. Mas para uma miúda de praticamente 6 anos, a ideia de uma separação definitiva não tem esse poder todo. O «Nunca mais isto» é uma expressão triste, sim, porque as pessoas a pronunciam de lábios e queixo a tremer, mas essa imagem da eternidade negativa não pertence ao mundo de uma criança. De resto, o

46 que era precisamente «isto» que iria perder para sempre (ou que já tinha perdido, sem o saber)?

As praias? Em Portugal não haveria também praias? Os passeios à Costa-do-Sol, todos os domingos, onde o proprietário, um Grego baixo e dramático, nos recebia de braços abertos, como preparando um voo? As meninas com quem eu convivia? Mas não tinham já saído tantas, e não estavam as outras a tratar da partida?

Mais forte do que tudo, em mim, zunia a ideia de uma viagem grande, a sério, para longe. Não até à Ilha de Moçambique, ou ali ao lado, à Namaacha, mas de avião, em que nunca voara, para uma terra em que faziam bonecos de neve, e usavam cachecóis, e luvas, e gorros, e mesmo protectores de ouvidos. Eu bem queria participar da tristeza colectiva, mas a excitação da viagem próxima fazia-me estremecer numa euforia secreta.

Meu pai, assim que pisou o solo do aeroporto de Lisboa, transformou-se num retornado e num desempregado.

Dirigira-se, ao fim da sua primeira semana portuguesa, a uma repartição do IARN. Viajou em autocarro e metropolitano, e desceu em certa ponto, confirmando o endereço, rabiscado a lápis numa folha quadriculada.

Recebeu-o uma senhora a um ponto ou dois de se fazer antipática; para disfarçar a humilhação de pedinte, o meu pai, mais que nunca – imagino eu, e parece-me que estou a vê-lo – incorporou a dignidade e a firmeza gélidas que lhe assentavam

como por medida.

«Mais um que pensa que está lá no Xipamanine [sabia lá ela o que seria o Xipamanine, para além de uma ressonância africana], no Xipamanine, a mandar nos pretos», terá quase de certeza pensado a senhora. Estou também daqui a adivinhá-la, quarentas, fumando, porque o tabaco ainda se não tornara cancerígeno, ou só informemente; óculos redondos, à John Lennon, uma camisola canelada de gola alta. A cor é que não consigo ver.

Quando fomos reencontrá-lo, semanas após, eu era mais uma menina-turista do que propriamente uma retornada, porque não retornava a lugar algum. Sentia-me maravilhada por vir aprender Portugal; nada saudosa, ainda, da terra de onde partira. A saudade precisa de tempo. Ela é o tempo a latejar sobre o que vemos sem lhe poder tocar.

Hoje, olho, ao longe, por um espelho retrovisor, para a terra onde nasci. O melhor Moçambique é o Moçambique da minha memória. Quando vivemos num lugar e num tempo, somos incapazes de usar as antenas do encantamento por esse lugar e por esse tempo, que só a distância e a perda activarão. Eu era feliz e não o sabia. Sei-o agora. Revejo tudo sob um banho de nostalgia que tudo restaura com uma energia e um colorido em que, então, não reparava. Precisamos de nos afastar do quadro para o apreender na beleza do seu todo.

Parece que oiço a voz de minha mãe a falar com os nossos criados, o Hilário, que tomava conta de mim, e o Feliciano, que cozinhava e que – penso agora nisso – passava o dia na cozinha; só ao fim da tarde voltava à sua própria casa.

Onde moras, perguntava-lhe eu. Como é a tua casa? É longe? É grande?

Falava constantemente, e gostava que eu fosse conversar com ele à cozinha, mas nunca respondia a estas perguntas e, na altura, eu não percebia porquê. (O Feliciano morava longíssimo; a casa era pequena; feita em caniço). Tratava-se a si próprio por «Feliciano», na 3ª pessoa: Não liga, menina, o Feliciano está cocuana. E ria, jovem, entreabrindo os lábios sob um bigodinho.

Hilário, tão alto, tão grande, com os pés enormes nas suas bonitas sapatilhas, devia ser um miúdo de 15 ou 16 anos. O prazer da sua vida consistia no transístor. Ouvia, no seu radiozinho a pilhas, estações que nos enchiam a casa de tambores, acordes estranhos e vozes estrídulas, cortados momentaneamente por locutores a falar em línguas ininteligíveis para mim, embora as escutasse amiúde quando o Feliciano e o Hilário comunicavam entre si.

O Hilário vivia connosco. Dormia num quarto mandado construir no interior da varanda. Esfregava os dentes com um tronco cuja ponta fibrosa e cor-de-caril os deixava bonitos.

Ora que faço eu com esta saudade repartida por coisas tão diferentes? Esta marcha-atrás em relação ao meu dia-a-dia? Estes episódios, como caroços cuspidos? Estes soluços da memória?

Apresento pessoas a que regressarei, e procuro caçar vislumbres de uma atmosfera. É isso que faço.

Esse Moçambique, cuja beleza estava tão próxima e adquirida que nem reparava nela, era outro que não aquele Moçambique do declínio, em que eu viveria, depois, sem médicos, nem amigos, nem casa, os últimos dias antes de lhe fugir. Aquela era a Lourenço Marques dos machimbombos vermelhos.

A Lourenço Marques das mamas vendendo maçarocas, assadas ali mesmo, no passeio, sobre um pequeno fogareiro preto,

ou das mamas que nos entregavam, por uma quinhenta, um punhado de amendoim: a medida era a tampinha de um frasco,

ou o homem descalço, que esperava pela saída dos meninos, na escola de meu irmão, ou durante os intervalos, para lhes vender chuinga, rebuçados e chupas, de uma caixa que trazia presa por um fio ao pescoço. Paro um instante. Reparo na incongruência entre os olhos da minha memória e

a cabeça que tenho hoje. Os olhos com que vejo o passado não cresceram. Continuam sendo os de uma menina de quase seis anos. Em tudo o que vêem, vêem apenas o visível. É sob o encantador visível, que a cabeça, hoje, percebe a pobreza e a humilhação.

Aos domingos íamos à missa, na Igreja de Santo António da Polana. Um ritual de encontros de pessoas que se demoravam cá fora, conversando, antes de entrar e, algum tempo depois, à saída, tornavam a demorar-se cá fora, antes de (finalmente) dispersarem pelos respectivos carros. E quem diria que de tudo isto, que possuí inocentemente – que possuí sem o saber – sem o notar – até aos cinco anos, iria lembrar-me muito bem e sentir falta. De tudo. Milhares ou milhões de fragmentos e vibrações compondo episódios, momentos, hábitos. Tudo. Mesmo das missas de domingo na Igreja de Santo António da Polana: brincadeiras estridentes e pagãs da garotada, cá fora, opondo-se ao mundo subaquático e amarelado, que os vitrais criavam no interior da igreja, e em que mergulhávamos, envolvidos por uma espécie de paradoxal silêncio feito de tosses e passos, onde ia vagarosamente penetrando o som do órgão, que um padre alto e magro elevava até ao infinito. E ainda que a velha em que me tornei saiba, por fim, compreender as sombras ocultas sob a luz, os

olhos da menina de 6 anos sabem apenas que em tudo o que fazíamos havia luz, havia luz, havia luz, havia uma luz física e metafísica, africana, que nunca mais vi nas coisas que faço aqui, nem existe já nesta vida, e cuja ausência me recorda sempre que sou de muito longe de cá.

(Excerto do romance *Os Devolvidos*, inédito)

ENTREVISTA A MÁRIO CLÁUDIO

F1. Numa entrevista que tem como fio condutor a memória e a nostalgia, deixe-me perguntar-lhe qual a mais antiga cena da infância, que consegue recordar?

Creio não ser exactamente uma cena, mas uma visão. Está uma tarde de sol, minha Mãe fica de pé ao lado da cama onde me deito, e usa um vestido branco, estampado com pequenos círculos amarelos. Sinto-me feliz e seguro, e entre o sono e a vigília, num mundo de transparências.

F2. Quando escreve sobre pessoas, reais ou fictícias, é de si que no fundo fala, dos seus sentimentos e consciência, ou o escritor apaga-se na descoberta do outro?

As personagens agem e falam através de mim, o que não significa que não consigam por vezes pôr-me quase completamente de lado.

F3. Como e quando começou a escrever? Revisita com gosto, na sua memória, esses primeiros passos? Relê com prazer o primeiro livro que publicou?

Pelos meus catorze anos escrevi um poema que me apareceu no limiar de um ofício a desenvolver, e aconteceu também isso num momento solar.

Não releio voluntariamente qualquer livro meu, e quando me vejo forçado a fazê-lo por razões de vária ordem, procedo sempre a contragosto.

F4. A ideia de uma busca do tempo perdido é importante para si? Diria que está, de alguma forma, presente na sua obra?

O tempo perdido constitui o tecido básico, ou o suporte, da escrita de ficção, isto inclusive na dita "ficção científica". Mas é no presente que a busca se processa, e daí que quem perde o presente, ou o ignora, fique de mãos vazias.

F5. Quem foram os seus mestres literários e como o influenciaram, quer os que conheceu em carne e osso, e com os quais conviveu (onde, e como), quer os que o ensinaram através da obra (e de que obras, principalmente)?

Muitos e muitos, e em momentos diversificados. Sem referir a Bíblia, nem os clássicos, Dickens e Melville, Tolstoi e Proust, Virginia Woolf, Wordsworth, Whitman e Eliot. Entre os nossos António Vieira, Camilo, Eça, Aquilino, Agustina, Camões, António Nobre, Sena. Diria que de certo modo frequentei a casa de todos eles, juntei-me à sua mesa, e procurei ouvi-los mais do que ouvir-me, coisa muito rara nos discípulos de todas as épocas.

F6. Que momento ligado à sua vida de escritor, associa, de repente, à nostalgia?

A morte de Agustina.

F7. De que precisa para começar a escrever? Onde escreve? Fã-lo também em espaços que lhe são alheios, em hotéis, em viagem, em outras cidades? Prefere, para o fazer, a manhã, a noite, ou a hora do dia é-lhe indiferente? Tem rituais, como escritor, de que possa falar-nos?

Preciso de me sentar, mas consigo escrever de pé. Trabalho em qualquer lugar, e a qualquer hora do dia, ou da noite, mas ultimamente, dado sofrer de insónias, pela madrugada fora, e depois da chamada "hora do lobo". Quanto aos rituais nem lhe conto, nem lhe digo, por receio de perder a minha reputação de sujeito relativamente normal.

F8. Há um livro seu que prefere aos demais?

Sim, Tiago Veiga.

F9. Em que trabalha actualmente?

Num romance em torno de três personagens, ou seja, um poeta, uma pintora, um ficcionista.

Fluir

memória e nostalgia

FICHA TÉCNICA

EDITOR - José Pacheco

ILUSTRAÇÃO DA CAPA - Maria João Cortegaça

PAGINAÇÃO - Ana Marques

Fluir nº4 - Memória e Nostalgia

Fevereiro, 2020, Oeiras